

NELSON RODRIGUES:
o fracasso do moderno no Brasil

Alexandre Pianelli Godoy



SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
<i>Maria Odila Leite da Silva Dias</i>	
INTRODUÇÃO	15
PARTE I:	37
NELSON RODRIGUES: MODERNO?	
1. Nelson Rodrigues: entre o público e o privado	41
2. A família em jogo: entre a regularização e a secularização	101
3. Solidão feminina, individualismo masculino	127
PARTE II:	149
POR UMA HISTÓRIA DOS FRACASSOS	
1. A imitação fracassada: a cultura das camadas médias	153
2. A consciência dos fracassos: uma estética	215
3. A imprensa como teatro: uma história	263
INCONCLUSÃO	315
FONTES	339
REFERÊNCIAS	343
AGRADECIMENTOS	369

PREFACIO

Este livro é o resultado de uma tese de doutoramento e traz uma releitura da obra teatral de Nelson Rodrigues cerca de quarenta anos depois dos primeiros impactos do seu teatro sobre o público brasileiro das cidades, nas décadas de setenta e oitenta do século passado. A leitura deste jovem autor é enviesada e bastante crítica, pois se propõe um estudo do texto teatral, do autor e do seu público a partir das trilhas inauguradas pela teoria feminista, pelo estudo das relações de gênero, da militância gay e dos *cultural studies*. Trata-se de opor uma visão de mundo autoritária e crente no progresso do país a uma perspectiva crítica do nacional, do popular e das representações ideológicas dos dramas de Nelson Rodrigues. A questão central que norteia a sua leitura é o da politização do privado tal como aparece impregnado de resquícios do Brasil colonial, da escravidão e da mentalidade civilizadora da nossa *belle époque*. Interessa-o nos dramas familiares de Nelson Rodrigues o confronto de valores de uma moral higienista e modernizadora com raízes nas décadas de vinte e trinta do século XX, ainda presentes nas peças da década de 1940, onde estes valores apareciam como esteio do Estado Nacional.

A urbanização dos grandes centros, após 1950, principalmente no Rio de Janeiro demarcaria o meio histórico em que Nelson Rodrigues criou o seu teatro, impregnado de confrontos e atritos entre valores da moral pública e privada e também nas peças sobre personagens emergentes da zona norte do

Rio de Janeiro, pela confusão entre as suas fronteiras. O jovem autor através da violência entre estas tensões primordiais entre público e privado, procurou estabelecer um diálogo com o dramaturgo carioca através do qual aprofundou sua visão pessimista sobre a suposta modernidade da sociedade brasileira a exacerbar o ranço moralista nas relações interpessoais e a total inviabilidade de uma realização de valores como o da virgindade feminina, do casamento harmonioso, assim como do convívio entre desejos sexuais e ordem familiar. Para Alexandre Godoy o teatro de Nelson Rodrigues expõe o sofrimento asfixiante vivido tanto pelas famílias de elite como pelas famílias suburbanas no seu processo claudicante de suposto aburguesamento e decadência social. Para Nelson Rodrigues tanto na primeira fase de sua criação tida como mítica (peças das décadas de quarenta e cinquenta) como na segunda, em que se volta para as novas classes médias emergentes na zona norte do Rio de Janeiro, as relações familiares e interpessoais sofriam o impacto criado pelo choque de valores patriarcais com uma nova ética de conduta estritamente individualista.

Este choque cultural acompanhava o início da massificação dos meios de comunicação, dos jornais e da rádio, acenando para o fim de uma cultura e para o vir a ser de outra que ainda não existia. Os jornais circulavam o mito do país e dos costumes modernos, ao passo que se aprofundava o abismo existente entre Estado e os indivíduos num meio social totalmente avesso a qualquer relação de solidariedade ou de vida comunitária. Este oco em que viviam suas personagens os levava inexoravelmente a fins trágicos, em que se sucediam todo tipo de derrota, de desencontros e de infundáveis fracassos das relações familiares e interpessoais.

O abuso das notas demonstra o árduo caminho de aprendizado percorrido pelo historiador no exercício de apurar seus recursos críticos tanto de interpretação histórica como de crítica teatral. Neste livro o autor aborda os recursos cênicos das peças de Nelson Rodrigues e trabalha a sua linguagem teatral de modo a perceber, através do jogo polarizador entre representações opostas, que caracteriza o teatro de Nelson Rodrigues, a inviabilidade da família e do convívio interpessoal, num meio urbanizado, onde ambos estavam destinados ao fracasso, pois nele conviviam resquícios do

patriarcalismo colonial sem possibilidade de incorporação da moral burguesa importada, mas não absorvida pelos personagens dos subúrbios cariocas. O autor se volta para a crítica da cultura e da identidade nacional, procurando na trilha aberta por Homi Bhabha opor à narrativa homogeneizadora da nação as narrativas de sujeitos plurais necessariamente heterogêneos, sem lugar no plano das identidades públicas e sem possibilidades de viver segundo a ética social, familiar ou sequer individual, que lhes era impostas pelo projeto modernizador da nação.

O autor ressalta o surrealismo dos melodramas de Nelson Rodrigues ao explorar os recursos dos diferentes níveis da linguagem teatral, entre o delírio, a lembrança e a memória familiar, necessariamente esquecida. As personagens femininas arrastam a inviabilidade de sua sobrevivência, quer aparecendo sob a forma de meninas mortas, que continuam na sua invisibilidade a cumprir seus deveres domésticos, ou como grupos de mulheres em coro nas sombras do palco. Uma esposa tem as mãos decepadas pelo marido; a jovem Clara assassinada, não pode parar de tocar a valsa de Chopin apesar de ter sido esfaqueada pelas costas. O defunto não sabe que morreu... Desfilam personagens ambíguas como as viúvas honestas que não podem dormir, porque sonhar é proibido, ou as viúvas que não podem sequer sentar para guardar absoluta pureza de conduta. O mito da virgindade pesa sobre a família inteira e para ser preservada na figura da irmã caçula, as irmãs mais velhas são obrigadas a se prostituir para poderem custear supostas e inviáveis virtudes femininas concentradas na jovem caçula. O casamento entre uma mulher branca e o marido negro tem como cenário uma casa com muros muito altos para segregar o lar do mundo, lar em que o preconceito leva os membros à loucura. A mãe afoga os filhos, que nascem negros e o pai cega a única filha sobrevivente para que jamais visse a cor de sua pele.

O autor faz um estudo do sentido das diferentes representações, desde as representações filosóficas que supõem um sujeito universal dono da verdade, até as múltiplas formas de representações ideológicas para finalmente analisar na linguagem de Nelson Rodrigues o movimento de suas representações teatrais, ao mesmo tempo críticas do Estado e da confusão entre o público e o privado, que inviabilizava a democracia e a modernidade no Brasil.

Este livro é um exercício pioneiro e traz uma leitura inédita e instigante da historicidade da obra de Nelson Rodrigues. O autor se debruça com sofisticação teórica sobre as diferentes possibilidades de interpretação histórica do factual e do ficcional. Trata-se de uma perspectiva interessante pela sobreposição das temporalidades históricas entre passado e futuro e uma leitura bastante intrigante do teatro de Nelson Rodrigues, que continua a desafiar nossos preconceitos e nossos costumes.

Maria Odila Leite da Silva Dias
São Paulo, 6 de agosto de 2012